

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Estado de Mato Grosso
Secretaria do Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N°	6047
Data	25 / 09 / 00

O Fracasso Escolar

Aparecida do Carmo Cardoso Ribeiro

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT

Pontes e Lacerda
2000

371.2
R 4847
Ex 1
C 92573337

Estado de Mato Grosso
Secretaria do Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda

O Fracasso Escolar

Ensaio Monográfico desenvolvido
no Estágio Supervisionado de
Língua Portuguesa e Literaturas no
VIII Semestre do Curso de
Licenciatura Plena em Letras da
Universidade do Estado de Mato
Grosso – Campus Universitário de
Pontes e Lacerda.

Pontes e Lacerda, (MT)
2000

“Precisamos contribuir para criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem o medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que apaixona-te diz sim a vida.”

Paulo Freire

Agradeço,

Aos meus pais, os quais amo, por terem permitido que existisse e depois terem me amado tanto. A eles ofereço este "troféu", meu diploma, minha conquista, contribuído pelas palavras de incentivo e momentos dedicados a mim. É pra vocês que hoje, ofereço a alegria que sinto.

Ao meu esposo, que por muito tempo acompanhou minha luta e me compreendeu, nas horas difíceis incentivou-me a chegar lá.

A minha orientadora que sem fins lucrativo não mediou esforços. Com ela cresci muito.

Ao meus filhos que mesmo amando tive que deles me ausentar muitas vezes, privando-os do meu carinho. Obrigado por entender-me e confiar que em tudo o que busquei vocês sempre estiveram presentes como parte principal do objetivo de fazer e crescer; e crescemos juntos.

Aos meus amigos e colegas de horas intermináveis de estudo, que souberam calar nas minha "crise" e falaram na hora certa. Quando precisei de incentivo e apoio, em nenhum momento me senti sozinha.

Aos meus irmãos, que fizeram com que crescesse com dedicação aos estudos às vezes até faltando-lhes com minha presença e carinho.

A Deus, minha fonte de água fresca, na qual saciei minha sede de medos e anseio; a Ele agradeço tudo que tenho e tudo que sou. Obrigado por ter-me criado, e hoje permitir-me chegar aqui e sentir que entrega-me mais uma vitória.

Dedico,

A meu papai João e à mamãe Tereza meus primeiros educadores.

Aos meus filhos, Deivisson e Diego que são incentivos de tanta "batalha".

Ao meu esposo que sempre esteve ao meu lado.

A minha irmã Divina, a qual muitas vezes deixei de ouvir quando de mim precisou devido aos meus estudos.

Ao meu único irmão, João, cuja humildade me orgulha e que me ensinou sem que percebesse que é dessa forma que procuramos vencer na vida.

Aos meus professores da Unemat em especial a Marlene Flores, que a todo momento me mostrou que é possível prosseguir.

A minha orientadora Teresa, que sem fins lucrativos orientou-me nessa longa jornada e que foi para mim mais do que uma amiga.

Aos meus amigos Fátima e Pedro, Irineu e Cida, Regina e Vilma Flauzino, que me ensinaram a cada momento que sempre é possível prosseguir, me proporcionando mesmo em meio as lágrimas a alegria e a segurança que precisava.

SUMÁRIO

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Introdução-----	6
O Fracasso Escolar-----	8
As Diferenças na Aprendizagem-----	14
A Escola como espaço de diversidades-----	23
Onde estão os problemas?-----	28
Bibliografia-----	45

Introdução

É sabido que no Brasil, a escola esteve e está longe de atender igualmente a toda a população, seja a nível da oferta de vagas, seja a nível da diferença na qualidade do ensino que é oferecida pelas redes pública e privada. Isso nos coloca muito longe da solução para o fracasso escolar.

Em minha atividade docente sempre me preocupei com essa séria questão que é “o fracasso escolar” o que pode ser entendido como o conjunto de dificuldades encontradas pelo aluno para “aprender”. Tais dificuldades provocam a evasão escolar e porque não dizer a própria exclusão, sendo este o ponto mais grave a que o fracasso pode levar.

O problema de pesquisa que deu sustentação ao presente trabalho, originou-se da preocupação com o tão propalado “fracasso escolar”, que há muito vem sendo estudado, questionado e criticado exaustivamente por vários autores do campo da Educação, fundamentalmente por aqueles que defendem uma escola pública de qualidade, voltada aos interesses emancipatórios dos segmentos socialmente desfavorecidos. Optei por descrever apenas algumas características mais gerais do fracasso, especificando alguns matizes sem, contudo enquadrar este trabalho rigorosamente numa corrente teórica.

Observo que, na prática escolar e mais especificamente no discurso do professor, a concepção quanto às origens do fracasso não se dá de maneira homogênea ou uniforme. Pelo contrário, encontram-se superpostas em vários fatores mais gerais que podem gerar o

fracasso escolar, procurarei mostrar em seguida, como os professores pesquisados se expressam, na relação com o conhecimento e com o aluno.

O Fracasso Escolar

O problema de pesquisa que deu sustentação ao presente trabalho, originou-se da preocupação com o tão propalado “fracasso escolar”.

O fracasso escolar, há muito vêm sendo estudado, questionando e criticado exaustivamente por vários autores do campo da Educação, fundamentalmente por aqueles que defendem uma escola pública de qualidade, voltada aos interesses emancipatórios dos segmentos socialmente desfavorecidos. Optei por descrever apenas algumas das características mais gerais do fracasso especificando alguns matizes sem contudo enquadrar este trabalho rigorosamente numa corrente teórico. Observo que, na prática escolar, e mais especificamente no discurso do professor, a concepção quanto as origens do fracasso não se dá de maneira homogênea ou uniforme. Pelo contrário encontram-se superpostas em vários fatores sendo que nos limites deste trabalho apontamos os fatores mais gerais que podem gerar o fracasso escolar. Procurei mostrar em seguida, como os professores pesquisados se expressam, na sua relação com o conhecimento e com o aluno.

Para tanto, decidi-me por fazer entrevistas com quatro professora, sendo que três dela atuam em escolas de periferia em Pontes e Lacerda e a quarta professora, leciona no município de Ferraz de Vasconcelos, São Paulo. É bom enfatizar que as entrevistas foram feitas com professoras que atuam no âmbito das 3ª séries mas que não restringem unicamente às séries mencionadas uma vez que também lecionam em outras séries. Nomearei as professoras, sujeitos desta pesquisa por prof.^a “a”, “b”, “c”, e “d”. A professora “a” está

cursando o sexto semestre de Letras, a professora “b” está cursando Pedagogia, a “c” terminou o mestrado e a “d” é mestra em fonologia. Todas as professoras são concursadas e o que tem menos experiência, está no mestrado há pelo menos 5 anos. Desse modo todas as professoras entrevistadas tem experiência com a docência.

Para caracterizar os problemas enfrentados na educação pelas professoras ouvimos e acompanhamos as aulas de algumas delas de modo a compreender o ponto de vista de cada uma sobre o assunto.

A professora “a” ao meu ver, enxerga os problemas da educação no sentido amplo; não vê a escola por dentro, na sua cotidianidade. Tal postura gera um discurso vago, amplo, que busca as raízes para o problema na estrutura como um todo e acaba por legitimar a incompetência:

“Se formos procurar os problemas que existem na educação, é inúmeros, inúmeros problemas que a gente teria que enumerar desde dentro da casa, na escola é... os problemas que vem do próprio governo. Tudo, tudo inclui. A globalização de uma certa forma afeta a educação.”

Um estudo mais aprofundado da questão mostra que o problema pode ser visto no sentido amplo mas ela não poderá deixar de vê-lo também no interior da escola uma vez que um e outro são inseparáveis. Isto significa que escola e sociedade são parte de um mesmo corpo e não podem ser entendidos isolados um do outro. Essa visão reducionista impede o

professor de cumprir com aquilo que seria a essência de seu trabalho, não lhe permite assim enxergar a historicidade do aluno de estabelecer a mediação entre o aluno e o conhecimento, fazendo com que o mesmo fique aprisionado à eterna condição de aluno aprendiz que nada sabe e que não pode se manifestar.

A professora “b” ao contrário da tendência da professora “a”, em encontrar explicações para os problemas da educação na macroestrutura, enxerga a micro estrutura, isto é, coloca no interior da escola as explicações para tais problemas e os discrimina. Observando suas aulas foi possível notar que a professora usa do autoritarismo com os alunos para conseguir seus objetivos e culpa a ausência de apoio pedagógico administrativo pelo fracasso de seus alunos: “os problemas que a educação enfrenta pra mim hoje são formação de professores e... na orientação na parte pedagógica, salário.”

Segundo a professora esses são alguns dos problemas que devem ser vistos em primeiro lugar na educação. Agora em termos de ser professor, estar educando, “ai é uma coisa só dele”, ou seja é o professor quem decide ou arbitra sobre o que fazer.

Percebemos que na condição de facilitador do diálogo do aluno consigo próprio, sua autoridade pedagógica se torna desnecessária. Segundo Lach:

“(...) no fundo, o problema consiste em distinguir a autoridade autêntica. A autoridade das pessoas que dele se investem geralmente lhes foi autorgado. Segundo definições sociais arbitrárias e não a partir de qualquer aptidão real que possuam”. (Cooper, D apud. Bohoslasky R. op. at p. 339)

Foi observado que a professora digere o processo ensino-aprendizagem a partir do tempo que o aluno leva para fazer as questões, com respostas corretas e de seguir ritualmente cada uma das páginas do livro didático. Ao meu ver esta é uma forma de autoritarismo contido na forma de ensinar. O professor que é o que sabe, junto com o livro didático que também sabe, deve ensinar o aluno que nada sabe numa relação falsificada daquelas que toma por propriedade individual um bem que é social e revela, portanto, uma postura pedagógica autoritária, já que a autoridade pedagógica perde sua razão de ser, negando aquilo que seria o fundamento de sua função, a socialização do conhecimento.

A professora “c” vê a política como o precursor dos problemas, dela depende o salário e com ele o incentivo como se a política classificasse o bom profissional, esquecendo que a lógica política tem pouco a ver com as virtudes de um bom profissional, onde impera a aparência de fracasso.

“a falta de interesse por parte de alguns governantes que está deixando a educação sempre para o segundo plano e não dão atenção que deveria dar...”

Pude observar que a estrutura está comprometida com o poder econômico.

A professora “c” não pensa diferente da professora anterior. Ela também considera que o problema político ligado à educação é muito sério, porque tem muito pouca vontade política por parte das várias instâncias em melhorar a educação de forma geral. Para a professora, deve-se dar prioridade à educação e à saúde sendo esses os dois fatores que dão base a qualquer tipo de trabalho com criança.

O relato da professora é de extrema importância, pois se a educação fosse valorizada, se os professores fossem melhor remunerados, seria possível a construção de cidadãos, pessoas que realmente são conscientes do seu papel enquanto membros da sociedade.

Para a professora, a questão política tem início no voto. Segundo ela:

“O problema começa no voto, as pessoas simplesmente não votam porque desejam, elas votam porque são obrigadas. Isto está muito ligado ainda ao leite que é dado pra família, ao chinelo, a uma ajuda de custo que é dado por um tempo, só no determinado momento político da eleição e depois eles acabam se afastando, então assim o voto ainda é um voto de cabresto é um voto comprado.”

Esta professora, embora esteja certa em suas afirmações uma vez que o voto, pelo menos entre nós, ainda sofre este tipo de interferência, não faz referência ao fato de que é na escola, em grande parte, que formamos a nossa consciência política. E se não sabemos votar a escola também é culpada.

Nas pesquisas feitas podemos observar que as práticas pedagógicas não correspondem fielmente aos discursos que as inspiram. Conforme foi observado as professoras “a” e “b” referiram de forma superficial, a questão dos problemas que enfrentam. Isto nos permite ver que apesar da formação que têm uma vez que uma delas está cursando o 6º semestre de letras e a outra pedagogia, não têm o conhecimento científico que

deveriam ter para encontrar soluções para as questões de sua profissão. Constatamos com isso que a profissão docente não é apenas uma atividade ocupacional. É mais do que isso. É um compromisso assumido no contexto político social mais amplo e exige uma certa experiência e uma certa qualificação tecnocientífica para atuação.

Já as professoras “c” e “d” deixam claro que procuram desenvolver um processo que leve à melhoria de competências e saberes com os quais lidam em sua profissão, valorizando o seu estatuto social. Candau referindo-se à questão da formação do professor coloca que:

“O professor é o primeiro responsável pela sua qualificação, como é que se pode esperar um desenvolvimento desta atitude se não houver uma responsabilização desde a formação inicial.” (Candau p. 150)

As Diferenças na Aprendizagem

Em se tratando dos níveis diferentes de aprendizagem que existem em diferentes alunos que compõem a sala de aula, penso que isto se deva ao fato de que nenhum ser humano é igual ao outro e portanto cada um tem níveis diferentes de aprendizagem. Nenhuma criança começa a andar com a mesma idade, falar com a mesma idade ou a se conceber como uma pessoa que está inserida em seu meio. Alguns professores não visualizam estas diferenças que acabam se refletindo também na aprendizagem. Eles não conseguem entender que a concepção histórica do conhecimento e a mediação está voltada para o processo de sua socialização.

Tudo isso provém, portanto, de sua competência pedagógica, de sua compreensão mais totalizadora do mundo; síntese essa que o habilita a conduzir o aluno a uma articulação crescente.

Em se tratando desse assunto pude perceber que a professora "a" oscila quando fala de escola pública e privada não conseguindo distinguir uma da outra. Ela argumenta que os pais procuram uma escola de melhor qualidade e fala da escola pública como sendo diferente da escola de periferia. Ela não consegue entender que as escolas podem ser e na verdade são públicas e de periferia ao mesmo tempo. Ela fala da mesma escola. Ao referir-se à escola pública, dá-nos a entender que esta seria uma escola mais voltada à classe média, mas que não paga.

Mas o que nos chama a atenção é que a princípio a professora atribui as diferenças nos níveis de aprendizagem às diferenças sociais. Porém a seguir relaciona estas mesmas diferenças à origem escolar de cada criança. Assim a criança que veio de uma escola “pública” seria melhor do que uma que veio da “periferia” seu depoimento é portanto confuso não, vê de modo aprofundado a origem do problema.

“Na sala de aula existem vários níveis diferentes de aprendizagem. Isso pode ser atribuído, em primeiro lugar as diferenças das classes sociais que existem entre as crianças. Tem crianças que vem da escola da periferia, outras que freqüentam escola pública, mas uma escola mais voltada para classe média que não paga, procuram as escolas que têm um nível um pouco mais superior à escola da periferia. Outros procuram a escola particular.”

A preocupação da professora “b” sobre os níveis diferentes de aprendizagem está na falta de acesso às telecomunicações, a falta de diálogo até mesmo com os pais. Os pontos que a professora levanta ao nosso ver são de extrema importância. Busco apoio no ponto de vista de Piaget com a sua epistemologia genética e na educação libertadora de Vygotsky e em minha própria experiência de vida para afirmar que a criança que tem liberdade de expressão principalmente com os pais em expor o seu ponto de vista e que dispõe de uma vida econômica razoável, evidentemente terá maior facilidade na aquisição do conhecimento₁₅

Piaget em seus estudos conclui que a criança não herda a inteligência o que ela herda é um organismo que vai amadurecendo com o tempo.

Portanto, as crianças consideradas normais tem a mesma possibilidade de desenvolver sua capacidade de aprender. E o que pode diferenciá-las é a aquisição de conhecimento.

“as funções mentais superiores são construídas ao longo da história social do homem. Na sua relação com o meio físico e social que é mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos no interior da vida social, o ser humano cria e transforma seus modos de ação no mundo.” (Vygotsky, p. 83 ano 98)

Vejamos como a professora “B” se posiciona em relação a isto.

“A minha atribuição nas diferenças de formação de aluno na sala de aula hoje é a falta de comunicação. Tem pois que são severos de estar deixando a criança ter contato com a televisão. Hoje a criança que assiste, que o pai dá essa liberdade, que tem um pai

jovem, ele têm condições assim de crescer, crescer na sala de aula, porque ele sabe debater, contar, ele participa da informação... o meu interesse é levantar aquela criança e mostrar a realidade do mundo hoje em volta dele. Essa é minha preocupação como educadora na sala de aula."

Observando essa citação verifique que a professora consegue visualizar essa diferença cognitiva e se preocupa com ela, mesmo que superficialmente. Entendo que a superficialidade da professora esteja ligada ao fato de ela se pautar apenas pela sua experiência, pois somente agora iniciou os seus estudos portanto não tem um bagagem para encontrar explicações mais científicas. Porém percebe-se que a professora anseia em conhecer e entender e quem sabe a visão de autoritarismo que percebemos em sua fala inicial possa mudar. Preocupa-me apenas o fato dela confiar na televisão como veículo seguro de informação.

Não podemos deixar de observar a postura inicial da professora o fazer críticas ao pai severo, postura esta autoritária e portanto contrária a este depoimento em que defende a necessidade de pais mais abertos ou seja ela emite um discurso que não pratica.

No seu trabalho de sala de aula a professora deveria estar mediando o conhecimento do aluno, e quando se refere a levantar a criança ela deveria é estar revendo o seu método

porque de repente o que está sendo ensinado não interessa ao aluno, pois, usando um exemplo de Chauí:

“O diálogo do aprendiz de natação é com a água, não com o professor que deverá ser apenas mediador desse diálogo aprendiz – água. Na leitura, o diálogo do aluno é com o texto. O professor, é mera testemunho desse diálogo, e também leitor, e sua leitura é uma das leituras possíveis.” (Geraldi, p. 92).

Não se trata portanto de levantar o aluno e sim dialogar com ele, saber que sentidos ele atribui ao que está sendo estudado, analisado.

A professora “c” apesar de sua precária formação (só tem o nível médio) deixa clara a imagem de uma educadora que procura explicações para suas dificuldades. Consigo relacionar as mesmas com a sua realidade com os problemas que vivencia. Ela relaciona os níveis diferentes de aprendizagens às diferenças de idade na mesma série. Relaciona-os ainda a implantação do CBA que veio sem que os professores estivessem preparados para trabalhar com ele.

Ao meu ver é importante que a professora consiga visualizar a questão da diferença de idade, pois o trabalho com alunos de menos idade traz dificuldades para o aprendizado

porque o método que ela poderá usar para uma determinada idade pode não interessar para outra gerando assim a falta de interesse pelo aluno que pode encontrar dificuldades pelo fato de que o que está sendo ensinado não está acessível a ele ou, ao contrário, pelo fato de que o que ele deveria aprender, na verdade já sabe e portanto não é mais interessante. Geraldi diz que:

“O que é sabido não precisa ser ensinado, de forma que os programas anuais poderiam basear-se mais num levantamento do que falta ser atingido do que num programa hipoteticamente global que cai do simples ao complexo, preso a uma tradição que não se justifica” (Geraldi, p. 37).

O outro ponto abordado pela professora é a questão do CBA (Ciclo Básico de Aprendizagem). Segundo reza o documento, a escola em sua prática, visa a transformação social formando sujeitos donos de uma atividade consciente, deliberada, voluntária e reflexiva. No entanto segundo ela os professores sentem-se perdidos porque este foi implantado sem que se desse sustentação teórica aos professores para a sua implantação. Alguns deles não entenderam o documento, outros por temerem o que é novo esperam para ver o resultado e outras simplesmente tem conhecimento para trabalhar com ele. Para complicar ainda mais a situação o CBA depois de 2 anos se transformou em Escola Ciclada

isto antes mesmo de o professor ter tempo para refletir a proposta anterior. Isto nos remete a Arroyo que referindo-se à sucessão de propostas de ensino nos diz que seria importante que: *“lembrássemos a desilusão da outra proposta para que assim não nos surpreendessemos”* (Arroyo p. 15).

Vejamos o que a professora fala:

“Essa história aí que o governo criou é o tal de CBA. Essa tal Escola Ciclada, ele pode até ter criado isso com boa intenção só que eu acho que as escolas não estavam preparadas pra trabalhar isso, porque ficou aquela história a gente fica sem saber se vai por idade, se vai por nível de aprendizagem.”

Nas aulas observadas da respectiva professora nota-se que ela tem muita vontade e pouca experiência tanto na parte prática quanto na parte teórica. Percebe-se que ela atua pela vontade de querer fazer certo. É normal que se esbarre em muitas dificuldades. Porém, só com o tempo e o amadurecimento é que se acabará dando conta dessas dificuldades.

A professora “d” relaciona essas diferenças dando ênfase ao respeito às dificuldades do aluno e trás a questão do Ciclo Básico que foi implantado para resolver o problema da repetência escolar e como uma forma também de respeitar a historicidade do aluno.

“Quando foi implantado o Ciclo Básico não era para reprovar mas os alunos: Diminuir simplesmente no gráfico o índice de repetência mas seria respeitar a formação desse aluno, então ele poderia viver esse processo de quatro anos sem ser quebrado sem ser eliminado simplesmente porque ele tem dificuldade em uma matéria específica na maioria das vezes é português e matemática então ele deveria ter esse cuidado esse respeito e a gente vê que isso não acontece.”

Sabemos que a nossa capacidade de conhecer é infinita, não pára nunca, e se dá em toda parte. O que precisamos, de fato, é abrir as “portas” da nossa mente, da nossa razão, do nosso ser inteiro para nos darmos a chance de novas criações, pois o ato de conhecer é ao mesmo tempo, de descobrir e de criar uma nova forma de ser, de sentir e de pensar.

“Vygotsky e seus colaboradores defendem a tese que de a atividade humana se constitui historicamente e socialmente, buscando explicitar como o desenvolvimento d funcionamento mental integram aspectos

*históricos culturais psicológicos e
lingüísticos.” (CBA, p. 11).*

Em se tratando dos níveis diferentes de aprendizagem respeitando o ponto de vista das quatro professoras temos que considerar que conhecer é uma atividade que envolve várias capacidades e se estabelece na relação do ser humano com o mundo e com os outros. Todas as pessoas são capazes de ampliar o seu universo de conhecimento, desde que para isso estejam abertas, disponíveis e tenham os instrumentos necessários. A forma de conhecer a realidade caracterizada como o bom senso é importante, porque está presente no cotidiano de todas e revela uma sabedoria adquirida ao longo da vida. O conhecer, relacionando as diferenças se torna mais sólidas e mais conscientes à medida que é submetido à crítica constante, já um questionamento sistemático sobre os fundamentos do que se diz e do que se pensa.

Mesmo com os níveis diferentes de aprendizagem temos que ter em mente que o saber é libertador. Por meio dele os seres humanos descobrem novas perspectivas para a vida, tanto profissional quanto pessoa.

A Escola como espaço de diversidades

As escolas de modo geral apresentam grande diversidade de formas de organização, tamanho, localização e atendimento aos alunos. Não existem, no Brasil, um modelo de escola que possa ser considerados como o melhor ou o mais adequado. Cada escola tem suas próprias características. Esta diversidade atinge também os diversos segmentos que a compõem. Assim é importante conhecer os alunos suas características, sua forma de vida de modo a compreender que prática é possível é necessária de modo a atender a estes alunos observando as condições no que diz respeito a diversidade da clientela. A professora “a” descreveu que na sala dela tem alunos repetentes, tem alunos que não tem dificuldades de aprendizagem e portanto estão com notas boas:

“Eu tenho aluno repetente uma vez, duas, tenho aluno que nunca foi repetente sempre teve ótimas notas.”

Já a professora “b”, alega que na sua sala de aula também tem alunos de todos os níveis, mas a professora ressalta que os alunos dela vêm de uma classe social média e que somente três deles tem condições precárias de aprendizagem:

“A minha turma é heterogênea, mas assim, minha classe tá mais assim para o bom, que é aquela pessoa de um nível social que não falta nada, eu tenho três famílias que já é bem carente.”

Ambos os professores “a” e “b” relatam que há diversidade, heterogeneidade em suas turmas. Seus alunos vivem momentos diferentes de aprendizagem sendo que a professora “b” faz referência à questão das classes sociais.

A professora “c” traz novamente a questão do CBA que não reprova o aluno. Para essa professora isso é um prejuízo, pois muitos professores não têm o compromisso do “ensinar” chegando então o aluno na 3ª série com dificuldades que deveriam ter sido resolvidos. A professora culpa o CBA que segundo ela tem prejudicado o aluno. A professora quer isentar-se fracasso e na sua visão os problemas sempre são geradas pelos alunos.

Com essa história de CBA não poder reprovar o aluno, de ter que passar o aluno pra frente eu acho que isso tem prejudicado muito os professores.

Esse professor atribui toda culpa ao CBA, mas o principal objetivo deste:

“é subsidiar teórico-metodologicamente os educadores da rede pública de ensino... Trata-se de um trabalho que almeja atender as expectativas dos professores de séries iniciais no ensino fundamental.” (CBA p. 7 ano 98)

O problema está no fato de que o professor toma o CBA como receita a ser seguida, quando na verdade ele se constitui em um novo modo de conceber a educação. Um subsídio para o trabalho do professor.

Já a professora “d” trabalha com crianças e adolescentes que segundo ela fazem rodinho, limpam parabrisas e vendem chocolates na rua. Estas crianças já participam da economia, do mercado de trabalho.

“O índice de evasão escolar é muito grande em São Paulo principalmente na capital acontece cada vez mais. A evasão escolar está muito ligado a questão da violência, a violência dentro das escolas está cada vez maior. Porque está cada vez maior? Porque o que está fora da escola, a comunidade, ela está sendo oprimida e reprimida, seja pelas drogas seja

pela violência policial contra as pessoas porque a violência não parte só de quem está na comunidade. Tem muita violência da polícia, de quem não sabe trabalhar, não sabe respeitar, então essa é a violência. Entra para escola a escola faz parte da comunidade ela não está isolada das comunidades ela não está isolada das comunidades e aí os professores acabam se endurecendo e por esse endurecimento do professor acaba afastando o aluno que ao invés de acolher esse aluno e discutir os problemas da comunidade, eles simplesmente acabam escolhendo alguns e geralmente esses escolhidos são aqueles que mais se calam. Então o bom aluno é visto aquele vonzinho, ele fica quieto, não respondo. O mal aluno é visto como aquele questionador é aquele que a todo momento lida com as dificuldades da professora e tenta construir com o professora, mas construir com a sua forma."

Seria importante que a escola soubesse trabalhar com estas crianças de modo que contribuísse para que estas se preparassem para vida, dentro e fora de instituição escolar formando uma visão de mundo crítica e consciente, mas não é só a escola que cabe este papel. Devemos lembrar que fora da escola, várias instituições, grupos de pessoas ou mesmo indivíduos também tem um papel importante na formação ética e moral da criança. Se o professor não observa isto haverá um choque entre a vida da criança fora e dentro da escola que a levaria a abandonar a escola.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Onde estão os problemas?

Em se tratando de criança que abandonam a escola possa iniciar mencionando alguns dos possíveis “problemas” que ao meu ver levaria as crianças a desistirem dela. Um deles são os manuais, de ensino programado que promovem uma espécie de padronização do conhecimento dada a sua forma de transmissão do conhecimento dada que não respeita as diversidades.

Esta padronização dos livros e manuais é endoçada pelos professores. Através das observações feitas, percebemos que se os professores valorizar sem aquilo que o aluno traz de sua experiência cotidiana, e que, ao mesmo tempo, articulassem esta experiência com os conteúdos de ensino, que articulassem o ensino à vivência concreta do aluno, tais conteúdos possibilitariam um processo de elaboração crescente do conhecimento por parte do aluno proporcionarem a ele a apreensão da realidade.

Segundo Saviane (1983) através deste processo haverá uma evolução da síntese; podendo assim, o trabalho docente transformar-se, ao lado de outras práticas, num instrumento de luta pela emancipação social.

Segundo a professora “c” um dos fatores pelos quais as crianças abandonam a escola é porque não conseguem conciliar trabalho e escola. Outro fator seria a desvalorização do professor que faz com que o mesmo não se dedique ao seu trabalho. Temos ainda segundo ela a super lotação das salas de aula que acarreta dificuldades no andamento do trabalho. A professora faz severa crítica a este fato afirmando que hoje é cômodo para a escola ter um

número maior de alunos porque isto com certeza trará benefícios a essa escola em termos de recursos financeiros. Ela afirma que a escola ganha “por cabeça” ou seja por aluno. Assim a qualidade do ensino fica afetado. O enorme número de alunos por sala dificulta ao professor um trabalho mais individualizado. Com isto reforça-se a padronização do conhecimento que mencionamos anteriormente. Isto contraria o que rezam os PCNs segundo os quais o trabalho docente deve

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

*“buscar ultrapassar seus limites,
proporcionando às crianças pertencentes aos
diferentes grupos sociais o acesso ao saber,
tanto no que diz respeito aos conhecimentos
socialmente relevantes da cultura brasileira no
âmbito nacional e regional como no que faz
parte do patrimônio universal da
humanidade.” (PCN p. 46).*

Segundo a professora “b” “o professor tem dificuldade de trabalhar com uma sala de 45 alunos... hoje a escola ganha é por cabeça quanto mais alunos a arrecadação.” o abandono da escola à diferença de idade entre os alunos. Segundo ela a escola coloca os alunos de maior idade junto com os de menor idade fazendo com que os de maior idade, estes, a minoria da sala, se sintam deslocados. Os métodos que a professora usa não influencia estes alunos, são métodos ultrapassados ou inadequados à idade deles e portanto

não são mais interessantes. O mundo contemporâneo exige que a aprendizagem de nossas crianças e jovens seja significativo para a vida, para o trabalho futuro, para crescer como cidadão. É justamente essa relevância da aprendizagem para a vida, o trabalho e a cidadania que a torna significativo.

Por isso, antes de selecionar os conteúdos temos de construir os objetivos do ensino que também devem ser significativos e capazes de contemplar as necessidades ora mencionados.

No entanto percebe-se que a professora não consegue trabalhar com esses alunos de maior idade, ela percebe, que a sua metodologia não é interessante mas não consegue fazer nada para mudar, e ele fica perdido na sala de aula porque ele não tem assim... o ambiente é diferente.

O professor tem que ser muito observar para que esse aluno, principalmente o que tem idade maior que os outros não abandone a escola e sim sinta gosto por ela. Isto poderia ser facilmente superado se o professor não se colocasse como figura central no processo ensino-aprendizagem. Quem aprende é sempre o aluno e o professor deve ser o facilitador da aprendizagem, deve proporcionar condições para que o próprio aluno acesse ao conhecimento nesse processo:

“ O professor é visto, então, como facilitador no processo de busca de conhecimento que deve partir do aluno. Cabe ao professor organizar e

coordenar as situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos para desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais.” (PCN, p. 40)

Já a professora “C” considera que o abandono da escola pelos alunos, deve-se às condições financeiras, pois eles precisam trabalhar para o seu sustento e de sua família. E mesmo quando vão à escola, o fazem pensando no lanche que a escola poderá lhes proporcionar uma vez que passam por dificuldades até mesmo com a alimentação.

“No nosso bairro vai muito pela questão do poder aquisitivo. A maioria das nossas crianças aqui são crianças carentes, então muitos abandonam a escola pra poder trabalhar nas fazendas pra poder ajudar os pais em casa poder vender o picolezinho o dia inteiro... deveria existir algum tipo de lei, algum tipo de projeto que dava as família para poder manter as crianças na escola.” (Professora C).

Dar trabalho a uma criança, mesmo no intuito de ajudá-la é privá-la da possibilidade de freqüentar normalmente a escola. Se quiséssemos de fato ajudá-la daríamos a ela escola e não trabalho. Este, daríamos aos seus pais para que pudessem mantê-la.

Evidentemente não dá para pensar em estudo de barriga vazia, mas hoje o governo está montando vários projetos para sanar esses problemas como o projeto Chané e um outro projeto no Banco do Brasil os quais acolheram um número razoável de crianças dando alimentação, roupa, calçado, cuidando com a saúde e também cuidando com a educação. O problema é que estes projetos atendem a uma parcela mínima da população.

A professora se queixa da violência em São Paulo a qual dificulta o trabalho com as crianças. Os professores aqui em Pontes e Lacerda se queixam da falta de estrutura familiar, a falta de apoio, diferenças de classe, mas não se queixam da violência. Sabemos que a professora "D" além de enfrentar os problemas que os docentes daqui se queixam, também enfrenta esse outro problema, que segundo elas nos faz lembrar que a violência acontece, e a escola não é um fator isolado. Ela também faz parte da mesma comunidade dos que provocam a violência. Em nosso município não é diferente, a violência também existe, porém mas ainda são registradas índices muito menores que a grande São Paulo e não tão graves.

"Em São Paulo a comunidade está sendo oprimida e reprimida, seja pelas drogas seja pela violência policial contra as pessoas, porque a violência não parte só de quem está na comunidade, tem muita violência por parte da polícia a qual abusa do poder. Diria que esta não sabe trabalhar não sabe respeitar, então essa violência entra pra escola e a escola faz parte da comunidade, ela não está isolada das outras comunidades." (Professora D).

Podemos observar na nossa comunidade escolar que alguns professores acabam afastando alguns alunos. Ao invés de acolher esse aluno e discutir os problemas da comunidade, eles simplesmente acabam excluindo os “alunos problemas” e acolhendo aqueles que geralmente se calam. Esses professores consideram que estes são os bons alunos. Que ficam quietos que não respondem, que não questionam.

Isso se deve em parte à formação do profissional. Para encarar essa questão vejamos o que Candau escreve:

“A profissionalização só representará um progresso do ponto de vista social se o aumento do nível de instrução das novas gerações se tornar suficientemente prioritárias para que lhes possamos dar valor.”

Partindo para a política educacional é bom lembrar que em 1985 foi criado um movimento de meninos de rua. Até então quem sempre falava da criança era o adulto. Nunca a criança tinha chance de se colocar da maneira como pensava. O pensamento que imperava era o de que a criança não sabia nada portanto deveríamos deixar que os adultos falassem no lugar dela. Contrariando a idéia de que apenas os homens adultos sabem e conhecem, Viera Pinto me diz que:

“O bom senso é simplesmente o depósito intelectual indiferenciado resultando da série de experiências fecundadas da espécie, do grupo social e do indivíduo, que se transmite em

formas não sistemáticas, por herança racional e não em caráter de conhecimento refletido.”

(Aranha, p. 118)

tudo isso nos leva a enfatizar que a criança também “pensa” e portanto sabe, não é um folha em branco.

Em 1988 tivemos a aprovação da nova constituição. Esta constituição, a chamada Carta Magna, trouxe mudanças importantes no que se refere à criança. Houveram vários emendas e ao final aprovaram o art. 127 que garante a proteção integral a criança e ao adolescente. Esse artigo diz que é responsabilidade da família, da comunidade, do poder público, da sociedade em geral, promover atendimento às mesmas, ou seja, a responsabilidade pela proteção integral da criança e do adolescente passa a ter sua garantia em nossa constituição a partir da aprovação da referida lei. Esta garante os direitos fundamentais que são o direito à vida, o direito à educação, cultura, esporte e lazer, respeito à dignidade, liberdade, o direito à formação para o trabalho.

Se compreendermos que a escola não é uma instituição isolada, compreenderemos também que essas crianças e adolescentes, e até mesmo adultos são além de membros de uma sociedade, componentes da classe estudantil e sendo assim os estudantes deveriam gozar dos direitos que reza a constituição.

A professora “C” começa dizendo que o slogan escola para todos é uma propaganda enganosa, pois há uma super lotação de salas de aula. Esta se dá devido a arrecadação que

vem para escola de acordo com o número de aluno. Sendo assim lotam-se as salas para arrecadar mais. Não há nenhuma ferindo assim os direitos dos alunos.

“A escola é para todos, mas se analisarmos profundamente essa propaganda no fundo sabemos que não é bem assim... hoje a escola ganha é por cabeça. Quanto mais alunos mais arrecadação vem pra escola. E como fica o problema do espaço, a falta de material didático e o salário dos professores.”

A professora se queixa da super lotação na sala de aula. Nossa consulta aos registros confirmam que realmente há mais crianças do que deveria em cada sala. Observamos que o espaço é pequeno e tem quarenta alunos nas respectivas salas. Além do pouco espaço algumas salas de aula ocupou espaços que antes tinham outra finalidade. Temos como exemplo uma das salas que funciona onde antes era um refeitório. A cantiga fica ligado a essa sala trazendo enormes transtornos dado o barulho e a dispersão que provoca. Observamos também que a maioria dos alunos vai para a escola pensando no lanche. Pude perceber que o cheiro de comida distraia os alunos e o entra e sai de funcionários tirava a atenção deles.

Isto nos mostra que o professor se depara com uma série de dificuldades. Outro fator que pudemos observar é que existiam alunos que tratavam a professora com hostilidade; existiam aqueles que agiam displicentemente e existiam aqueles que se esforçavam por compreendê-la e não conseguiam.

De modo as turmas observadas estavam muito longe de ser uma turma ideal. Sabemos que para que o professor possa obter êxito no seu trabalho tem que mudar muita coisa. Sabemos que essa mudança não depende só dos professores. Por isso cabe indagar até que ponto a responsabilidade do fracasso será do corpo docente? Porque quando tudo vai bem dizem que são as metas que o governo traçam que deram certo, e quando vai mal os professores são considerados os culpados?

“Para que tanto esforço na teoria do conhecimento, se afinal, tudo é ilusão, véu e máscara? Para que compreender a atividade da consciência, se ela é a pobre coitada, espremida entre o id e o supor ego, esmagada entre a classe dominante e os ideólogos? (Chaiu, p. 176)

Esta espécie de desabafo de Chaui nos remete a questão da ideologia. Para alguns autores a exemplo de Saviane (1983) a escola, ao trabalhar, nada mais faz do que reproduzir a ideologia dominante. Felizmente este mesmo autor abre-nos a possibilidade de um caminho contrário. Ou seja, também o dominado pode ter voz. Temos que acreditar nisso se quisermos uma educação melhor.

Já a professora “B” afirma que o governo faz crítica, mas não diz a que. Diz ainda que quando se trata dos problemas da educação e quando as críticas vem dos professores ele não gosta, o que ele faz é manipular os profissionais de educação. Segundo a professora

“O governo fala, critica, mas na hora de falar da educação, na política, ele não gosta que fale a verdade. O professor é manipulado por ele, ele manda e os profissionais de educação têm que cumprir mesmo sabendo que está errado. As opiniões são aceitas só se for a favor dele.”

O governo se esquece que a educação é um processo de importância fundamental para a vida dos indivíduos, e em consequência da sociedade. Cumpre ao Estado incentivá-la, promovê-la e ampliá-la. É função do Estado desenvolvê-la em todos os graus, quantitativo e qualitativamente, mantendo as instituições necessárias para tanto, bem como contribuir auxiliando e fiscalizando as iniciativas particulares.

A professora “C” argumenta de modo um pouco diferenciado sobre a política educacional. Em sua opinião quando o governo implantou a nova política educacional foi com boa intenção, mas ele está deixando a desejar.

“A política educacional do governo, quando ele implantou, ele fez até com boa intenção. Se ele desse mais atenção para as escolas eu acho que a política dele seria um maravilha, só que está deixando muito a desejar.”

A professora tem uma visão ingênua, não vê as reformas como imposição tanto do governo quando dos organismos internacionais como o BNDE/UNESCO, Banco Mundial.

Estes órgãos é que definem em grande parte a política educacional para o país e o governo brasileiro bem como o dos estados apenas obedecem.

A professora "D" não fala diretamente da questão da evasão ou da repetência. Não faz alusão direto ao fracasso escolar mas fala dos problemas que acometem o ensino. Menciona a política educacional fazendo uma análise da conjuntura, a qual teria como cenário uma propaganda enganosa "para inglês ver", ou seja o governo mistifica a questão da educação. Exemplo disso são os projetos que atendem as minorias. A evasão, a repetência ou em síntese o fracasso escolar não são pensamentos em termos de qualidade.

A professora "D" demonstrou ter um conhecimento que lhe permite visualizar os problemas de forma aprofundada. Tais conhecimentos foram adquiridos através da experiência que esta realiza junto à comunidade.

Como o intuito de percebermos o problema do fracasso de modo amplo, fomos buscar também a opinião dos alunos e dos pais sobre a escola e sua relação com ela. Para tanto, procuramos saber deles como vivem, o que pensam da escola, suas expectativas em relação a ela e onde e como se vêem o processo.

Os entrevistados são alguns dos alunos de três das professoras que foram sujeitos desta pesquisa. De ante mão podemos antecipar que um dos pontos mais relevantes, refere-se à falta de socialização do conhecimento sendo que esta deveria ser a função primeira da escola.

O conhecimento é trabalhado como verdade absoluta, sem questionamentos. Por outro lado a condição sócio-econômica, que como já vimos é fator importante na

aprendizagem não é respeitada. Isto significa, fundamentalmente que não estão preocupados com as referidas condições.

Esquivar-se de tais problemas não é a saída. O procedimento mais acertado seria o de respeitar as diferenças sociais dos alunos e trabalhar com elas.

É bom lembrar que até alguns anos atrás o aprender acontecia na escola sem ligações com o contexto, no entanto hoje sabemos que o processo se dá dentro e fora da escola. Sabemos também que muito do que sabemos, aprendemos na prática: aprendemos a andar, andando, falar falando e escrever escrevendo. Cidadania por exemplo é algo que não se aprende nos livros didáticos isto se aprende exercendo. O livro didático faz com que o trabalho do professor fique restrito à informação não se preocupando com a formação ou pelo menos com o contexto.

Voltando a questão da cidadania, sabemos que esta prima pela busca de vida digna e plena de modo a desenvolver a criança. E cidadania pensado para todos tem que ter a participação afetiva de todos.

Além disso a escola tem que ser interessante para que os jovens e crianças se interesse por conhecer seus direitos e deveres. Não devemos nos esquecer que este é um processo contínuo e faz parte de um desafio em que o diálogo tem que acontecer em várias áreas do conhecimento: tanto o conhecimento espontâneo, quanto o conhecimento científico.

Um dos alunos entrevistados reclama que a escola só dá material escolar uma vez no ano, ela pede outros e as secretárias ficam bravas e não dão material. Na realidade o material escolar que a escola recebe para ser repassado para os alunos vem em pequena quantidade.

Os alunos por sua vez atribuem a responsabilidade pela carência de material principalmente material escolar à escola. Estes alunos desconhecem o fato de que não é responsabilidade da escola e sim do governo enviar material.

É interessante percebermos que o governo fala de “escola para todos” e se é assim, deveria pensar em um meio de oferecer esse material escolar de fato, a todos. Se o aluno não tem material evidentemente ele não poderá estudar. Cumpre questionar então até que ponto a escola está sendo de fato para todos? Vejamos o que o aluno fala: “A gente pode pegar lápis, caderno assim né quando a gente não pudesse assim né, aí pode pegar só uma vez não pode pegar outra.”

As demais crianças acham que as escolas que elas estudam são ótimas. Entretanto suas respostas são curtas e objetivas. Isso pode se dar por causa da timidez ou da falta de conhecimento sobre as reais condições de funcionamento da escola. Já alguns pais queixam-se da falta de estrutura física. Eles percebem que há muitos alunos nas salas de aulas mas não conseguem entender que a super lotação.

Sabemos que alguns alunos se calam porque tem medo de falar e sofrer repreensões, a escola, e mais especificamente o professor, ao agir de modo repressivo, ao meu ver não pensa em formar alunos críticos; são professores que ficam presos a metodologias dogmáticas que já estão ultrapassadas tendo em vista que atualmente os professores estão envolvidos com um movimento mais espontâneo de busca de uma formação científica para o aluno.

Hoje devido ao acesso de uma população cada vez mais diversificada à escola (camadas médias e camadas populares), tal orientação pedagógica começou a se mostrar eficaz. É necessário que a escola modernize o seu ensino, adaptando-se a demanda do

desenvolvimento. Surge daí a preocupação com os métodos de ensino com novas formas de transmissão do conhecimento.

Esta nova forma de ver a educação, faz a autoridade do professor e seu trabalho isolado da realidade dos alunos passarem por grandes críticas dando-se agora grande ênfase as questões que dizem respeito à vida e à individualidade do aprendiz, e também o seus processos psicológicos. Atualmente coloca-se grande importância na compreensão sócio-cultural como forma de conduzir a aprendizagem do aluno pois compreende-se que a vida dele fora da escola interfere na sua vida dentro dela.

Observando o influência da família na vida da criança observei que uma das crianças vive com os bisavós maternos por causa do autoritarismo da mãe. Isto talvez se deva ao fato de que a mesma vive com outra pessoa que não é o pai da criança:

“A minha mãe mora com outro homem, minha mãe é muito brava, ela bate nos meus irmãos e ai também por causa disso ela pode bater em mim.”

Por outro lado pude observar durante as entrevistas um grande carinho da bisavó para com sua bisneta. Ao interferir nas respostas ela sempre se dirigia a neta de modo delicado, gentil.

Segundo depoimento da própria bisavó, esta cuida da menina desde que nasceu. “Ela é minha bisneta, desde quando nasceu”.

É comum observarmos o quanto o aluno transfere a carência materna aos professores e estes por sua vez não estão imunes a esta transferência do aluno, ou seja não estão imune à ternura, ao amor ou à raiva que o aluno neles deposita. “Eu gosto de português, a professora ela é boa deixa a gente brincar.” O professor pode retribuir ou não tais afetos, pode fingir não percebê-los, pode enfim, apresentar variados atitudes das mais adequadas às menos adequadas. A esta intuição de sua prática, que envolve o nível teórico-metodológico, assim como o nível ideológico, acrescenta-se um outro nível, a consciência, que muitas vezes o professor não tem. Ele age intuitivamente sem compreender por quê o faz.

Os alunos ao falarem dos seus professores, de modo geral disseram gostar de todos, mas acabaram demonstrando ter afinidade por alguns. Um exemplo disto é que a maioria dos alunos disseram gostar da professora de português, porque segundo eles: “a professora é boa deixa a gente brincar ela dá educação artística.”

Hoje se requer dos professores que suas aulas sejam dinâmicas.

“No século XII não havia representação da criança na arte, como se ela não tivesse o seu lugar neste mundo. As representações de crianças até o final do século XIII são bem distantes da realidade infantil.” (Nacif p. 9).

Hoje, a realidade é bem diferente. A criança deve ser considerada como criança, e as atividades escolares devem desenvolver suas aptidões num clima de liberdade e criatividade. No entanto a bisavó da criança afirma que a escola deve ensinar o aluno a ler e também a ter disciplina ou seja, saber comportar-se diante de outras pessoas.

“Eu acho que deve ensinar a leitura, ensinar a tratar todo mundo bem né? Eu acho que é muito interessante tratar bem as pessoas respeitando-as” .

Se pretendemos uma educação libertadora não podemos desejar uma escola que imponha valores. Estes devem surgir naturalmente, como fruto do amadurecimento da criança para as relações sociais. Entretanto sabemos que isto está longe de alguns pais entenderem quer pela falta de conhecimento por tais assuntos, que pela compreensão tradicional que estes tem da escola. Eles não conseguem compreender que cada um tem sua história de vida têm seu conhecimento e este é muito importante para o processo educativo. Desse modo o conhecimento espontâneo do aluno deve ser o ponto de partida para o trabalho do professor.

Concluindo esse capítulo observei que as estruturas sociais servem de sustentáculos para a educação e estão intimamente ligados ao fracasso escolar. Na visão dos professores um dos pontos que pode causar o propalado fracasso escolar são as diferenças de classe, autoritarismo do corpo docente as metodologias ultrapassadas, que se dizem novas que vêm encobrir os problemas encontrados.

A análise desta realidade no faz ver que o fracasso escolar não é gerada por um fator isolado. Não adianta os professores ou mesmo os especialistas tentarem analisar o fracasso escolar se não perceberem a situação da família. A escola não está isolada da comunidade ou da sociedade mais ampla. Que por sua vez não está separado do profissional que atua com essa população nem da mídia ou dos meios de comunicação.

Eu não posso analisar o fracasso escolar partindo do “nada” ou olha-la apenas dentro da escola como se a escola fosse uma ilha isolada do resto do mundo.

Prá nós entendermos o fracasso na escola temos que entender a escola e o aluno inseridos no mundo. O que eu tenho que fazer é estabelecer relações entre os acontecimentos. O conhecimento não pode ser acúmulo de informação. Se não soubermos estabelecer relações entre a informação que temos com a informação que outros têm, não teremos condições de melhorar esse quadro. Sendo assim retomamos ao que foi falado antes. A escola esteve e esta longe de entender igualmente a toda população, seja a nível da oferta de vagas, seja a nível da diferença na qualidade do ensino que é oferecido pelas redes públicas e privada.

Bibliografia

OLIVEIRA, de Marta Kohl. Vygotsky. Aprendizagem e Desenvolvimento. Um Processo Sócio-Histórico. Editora Scipione. 4ª edição. SP. 98

GERALDI, João Wanderley. O Texto na Sala de Aula. Editora Ática, 2ª edição SP. 99

Parâmetros Curriculares Nacionais 97

CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. Editora Ática. 9ª edição. São Paulo 97

NACIF, Marli Banentin. Violência Doméstica contra crianças e adolescentes. Composição e Impressão. Florianópolis, 99

FREITAS, Lia. A produção da Ignorância na Escola. Editora Cortez. 4ª edição. SP. 98

FRERE, Paulo. Educação como a Prática da Liberdade. Editora Paz e Terra. RJ. 98.

SOARES, Magda Becker, Sonia Kramer, Menga Ludke e outros. Escola Básica.

PILETTI, Nelson. Sociologia da Educação. Editora Ática. 7ª edição. SP. 89

ARRYO, Miguel. Da Escola Carente à Escola Possível. Edições Loyola. 2ª
Edição. SP.

LUDKE, Menga, ANDREI, Marli. Pesquisa em Educação: Abordagem
Qualitativas E D A. São Paulo. E P U. 1986.

BOGDAN, R. C. BIKLE. Investigação Qualitativa em Educação. Uma
Introdução Teoria e aos métodos. Porto, Portugal, 1994.